

**DAS FORMAS DE ENSINAR E DE APRENDER
E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI**

Rogério Paiva Castro

RESUMO

Muito já se escreveu sobre as formas de como os professores podem ou devem ensinar. Muitos são os manuais que indicam como os alunos podem ou devem aprender. O presente artigo não pretende ser mais um indicador de como se ensina ou aprende; bem mais que isso, no século XXI, é mister que nos reportemos a questões principiadoras que configuram o sujeito, seja ele educador ou aprendiz, e o objeto, seja ele o conhecimento, a técnica ou a ciência. Além disso é indispensável, nesse momento de reconstruções paradigmáticas, pensar a educação no contexto da globalização capitalista neoliberal e repensá-la na dimensão de uma outra globalização que eduque para a humanidade, para uma sociedade sustentável. Possibilita, este registro, parte dessa reflexão.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino; Aprendizagem; Século XXI

**OF FORMS OF TEACHING AND LEARNING
AND THE CHALLENGES OF THE XXI CENTURY**

ABSTRACT

Much has already been written on ways of how teachers can or should teach. Many are the manuals that show how students can and should learn. This article is not intended to be an indicator of how to teach or learn, and more than that, in the twenty-first century, is mister we reportemos the issues principiadoras that make up the subject, be it teacher or learner, and the object, be it the knowledge, technology or science. Moreover it is essential, at this time of reconstructions paradigmatic, thinking the education in the context of globalization and repensá-capitalist neoliberal her into another dimension of globalization that eduque for humanity, for a sustainable society. Allows, this registry, part of this discussion.

KEYWORDS

Teaching; Learning; Century XXI

O ENSINO-APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

Um pensamento clássico quanto o ato de aprender impulsiona a acreditar ser um percurso que levaria o aprendiz a um objeto que, uma vez apreendido, seria incorporado a esse objeto, transformando de modo que não seria mais o mesmo.

No entanto, os atuais processos de ensino-aprendizagem estão cercados pelo processo de globalização capitalista neoliberal, o que passa a exigir inovações e re-inovações aos educadores. Por exemplo, não é possível esquecer o computador assim como é impossível negar a existência de saberes que se divulgam diariamente por múltiplas mídias e diferentes canais. O saber se tornou intensamente trivial. O que antes apenas chegava ao aluno pela fala do professor chega agora de diversificadas formas e com vibrantes dimensões.

Assim, a transmissão do saber, antes idealizada na figura do professor, passou pela modernidade e, na contemporaneidade, exige acompanhar a velocidade das inovações cognitivas, técnicas ou científicas. Nesse ínterim, o processo de globalização é irreversível e, o processo ensino-aprendizagem, urge ser reversível.

NOVAS POSTURAS NO ATO DE ENSINAR – UMA APOSTA

Não se pode falar na ação de ensinar sem pensar a condição do aprendiz. O aluno também é alguém conduzido pela velocidade imposta pelo processo capitalista neoliberal da globalização. Também, lembra-se que é desafiador para o professor ter que lidar, ao mesmo tempo, com a desmotivação encontrada nos aprendizes, quando estes são mais atentos às superficialidades e à busca de soluções facilitadoras nos estudos, em detrimento do estudo aprofundado, por exemplo, da pesquisa científica. Isso porque aprender – admite-se – apesar de proporcionar prazeres, não é fácil, exige empenho concreto nas buscas, nas descobertas e no uso destas.

Nesse contexto é que os profissionais da educação devem repensar a sua atuação. Dessa crise apontada no parágrafo anterior não se pode fugir; mas crise, recorrendo ao vocabulário chinês nos remete, semanticamente, a risco e oportunidade, portanto, é nesse mesmo contexto que as oportunidades podem surgir; é diante do rápido tempo que os professores passam com seus alunos que se devem ampliar as possibilidades da educação significativa.

O comportamento do movimento de globalização demanda, na prática educacional, um questionamento tanto das condições materiais do trabalho, de sua estrutura, objetos e

organização, quanto das concepções, valores e conhecimentos subjacentes ao processo ensino-aprendizagem. Nisso, ressalta-se que as condições educacionais externas, normalmente, são identificadas pelos professores, sendo estes elementos que impedem ou dificultam o desenvolvimento de uma prática pedagógica de nova qualidade. Já os condicionantes internos não são tão visíveis, sua oculta presença aponta a necessidade de proporcionar aos educadores atividades nas quais seja possível questionar as condições que fundamentam suas ações. Para uma e efetiva mudança é fundamental revelar as contradições existentes nessa relação.

A reorganização da realidade educacional cotidiana numa dimensão transformadora requer a articulação entre formação docente e escolarização, no sentido de construir uma sociedade marcada pela ação dialógica, mais justa e democrática. Transcendem, a prática educacional e o processo de formação, a simples aplicação de técnicas, métodos e práticas, distanciadas da realidade escolar (SACRISTÁN, 1996). O contexto educacional é lugar de produção e de utilização do saber, de modo que a teoria e a prática sejam mútuas.

Essa transformação demanda novos percursos que podem ter articulação através de uma prática que explore o questionamento dos conhecimentos anteriores, colocando o pensamento em alerta para percepção das ambigüidades e, conseqüentemente, gerando conhecimentos mais complexos.

Como na proposta dialética de Bachelard (1970), é preciso questionar à teoria e à prática: “por que não”. Por que não fazer diferente? Por que não mudar as regras? Enfim, por que não buscar novos percursos, partir de outros princípios, imaginar e construir outros resultados? Na verdade, tanto é possível como é preciso perceber que não se deve ensinar apenas por um “esforço de transmissão do chamado saber acumulado, que faz uma geração à outra” (FREIRE, 1993, p.6), igualmente, deve-se perceber que “aprender não é pura recepção do objeto ou do conteúdo transferido” (FREIRE, 1993, p.6). Pelo contrário, a escola deve ver a educação no contexto pós-moderno, agindo em torno da compreensão do mundo, dos objetos, da criação, da exatidão científica, do senso comum.

As novas propostas pedagógicas no século XXI devem estar pautadas na pré-consciência de que a educação e seu contexto é lugar de troca de conhecimentos, onde alunos e professores aprendem. Essa pré-conscientização pode trazer implicações diretas, a começar pela mudança de postura, de atitude diante da escolha profissional; quais sejam a permissão de aspectos humanísticos, que deve ser marca da educação do século XXI e assunção de um lugar de reflexão compartilhada com o aluno, através da busca da atitude dialógica (em que a

palavra do aluno passa a ser constituinte do processo) em detrimento da vaidade que resulta autoritarismo.

A EDUCAÇÃO PARA O FUTURO NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

O alicerce do processo educativo contemporâneo deve apostar em iniciativas que contemplem os quatro pilares da educação apresentados em 1998 em *Educação: Um Tesouro a Descobrir. Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Os quatro pilares: aprender a conhecer, a ser, fazer, a conviver e a conhecer constituem uma matriz na construção da visão de mundo dos princípios e diretrizes da educação na atualidade, visando uma preparação mais ampla dos alunos, acreditando numa melhoria da própria estrutura dos sistemas educacionais.

Aprender a conhecer, pilar inicial da educação do futuro – que seja também aprender a aprender – é meta que desafia a educação, frente às profundas transformações vividas pela sociedade. É preciso, pois, que se esteja em permanente estado de aprendizagem e se busquem novos percursos. É importante lembrar que, diante desses novos percursos deve-se ter que “não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão” (MORIN, 2000, p.19). Com essa idéia o autor projeta uma responsabilidade mais acentuada ao trabalho do educador que deverá tornar seu próprio conhecimento cada vez mais abrangente a fim de contribuir de forma eficaz no plano educacional, sendo capaz de promover a formação e a instrução do educando numa lógica reconhecidamente científica e filosófica, em que a capacidade de análise e interpretação do aluno sejam trabalhadas simultaneamente.

A educação deve sustentar-se, outrossim, no aprender a ser, na busca incessante de uma subjetividade que faça diferença no já construído e garanta ao sujeito uma identidade forte o suficiente para conviver com a diversidade – esse saudável confronto entre o eu e o outro deve ser cultivado pela escola, pela universidade, a partir já da sala de aula. É por isso que hoje tanto se preza o trabalho em equipe, o trabalho em grupo, a partilha de tarefas, no sentido de mimetizar mesmo o papel a ser desempenhado pelo sujeito na sociedade.

Dessa forma é que o outro pilar da educação para o século XXI, advindo do convívio com o outro, com o diferente, com a alteridade, é o aprender a conviver, a viver juntos, tendo em mente formar-se, continuamente, para atuar numa sociedade cada vez mais desigual.

Tal atuação, que é uma intervenção social, implica o quarto pilar para a educação do futuro, como propaga a Unesco. Trata-se do aprender a fazer, que, formalmente, institui o

paralelo entre teoria e prática, que, para além de se complementarem, devem ser consideradas como simultâneas, pois que se nutrem reciprocamente.

A escola seria, assim, o lócus mais próximo e mais particular para o exercício do aprender – aprender a aprender; aprender a ser; aprender a conviver e aprender a fazer, os quatro pilares da educação que já devíamos estar vivenciando, pois a velocidade trouxe o futuro para o agora.

Nesse contexto, percebe-se, a mudança do antigo discurso do professor, deslocando o verbo ensinar para o verbo aprender e que, portanto, privilegia a questão do sujeito. Seja ele professor, seja ele aluno, será sempre sujeito responsável por aprender, por ser, por conviver e por fazer; sujeitos, pois, ativos e participantes da construção dos saberes e da contínua reconstrução social. Nesse sentido, já há quem pense na necessidade de um quinto pilar para a educação (MORAIS, 2005), que seria o do aprender a empreender. Todavia, este último pilar seria implícito aos quatro primeiros, pois empreender decorre de um fazer criativo em que ser e conviver se conjugam – esse seria, de fato, o empreendedorismo verdadeiro.

Voltando à questão propriamente explícita no último subtítulo lembra-se que, no contexto da globalização, os princípios que orientam as reformas neoliberais são essencialmente instrucionais, ou seja, estão centrados no ensino e não na aprendizagem. Estão, por isso, na contramão das teorias de currículo mais atuais. Além disso, são defendidos acréscimos no tempo de instrução e não à qualificação na educação. Em suma, muito se ensina e pouco se aprende. Nessa visão instrucionista transmite-se informação e não conhecimento.

Essa mesma proposta neoliberal, como lembra Gadotti (2007), desprofissionaliza a docência, buscando alternativas na terceirização, contratando professores em concorrência pública ou temporariamente. Num limite, o docente pode até ser substituído por uma tela de TV ou computador programando. Este autor classifica as principais propostas do modelo neoliberal de educação:

1) conteúdos mínimos e socialmente necessários, verificados através de exames nacionais; 2) redução dos benefícios dos trabalhadores da educação e promoção por sistema de prêmios; 3) centralização curricular e pedagógica (exemplo: a avaliação nacional); 4) descentralização das responsabilidades e municipalização do ensino fundamental; e 5) padrões de gestão mercantis da escola. (GADOTTI, 2007, p. 20).

Numa análise a esta classificação percebe-se claramente que é preciso educar para uma outra globalização e para a cidadania planetária, que supõe o reconhecimento de uma comunidade global, de uma Sociedade Civil planetária. As exigências da sociedade planetária

devem ser trabalhadas pedagogicamente a partir da *vida cotidiana*, a partir das necessidades e interesses das pessoas. Uma educação para a cidadania planetária deveria nos levar à construção de uma *cultura da sustentabilidade*, isto é, uma biocultura, uma cultura da vida, da convivência harmônica entre os seres humanos e entre estes e a natureza (equilíbrio dinâmico), como sustentam Paulo Freire, Edgar Morin e Jürgen Habermas. Paulo Freire nos falava de uma “racionalidade molhada de emoção”. Morin nos fala de uma “lógica do vivente” contra a “racionalidade instrumental” evidenciada por Habermas.

Nesse contexto é que se fala hoje em “ecopedagogia” (Francisco Gutiérrez) e “ecoformação” (Gaston Pineau). O desenvolvimento sustentável tem um *componente educativo* formidável: a preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica, e a formação da consciência depende da educação. Nesse contexto, a *ecopedagogia* pode ser vista tanto como *movimento pedagógico* (como a ecologia) quanto como *abordagem curricular* e como *teoria e prática educacional*. Sem uma ação pedagógica efetiva, de nada adiantarão os grandes projetos de despoluição ou de preservação do meio ambiente. A ecopedagogia e a cultura da sustentabilidade deverão tornar-se temas de debate muito importantes nas próximas décadas. A ecopedagogia é uma pedagogia para a *promoção da aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana*. Encontramos o sentido ao caminhar, vivenciando o processo de abrir novos caminhos, e não apenas observando o caminho. É, por isso, uma pedagogia democrática e solidária.

O globalismo é essencialmente insustentável. Ele atende primeiro às necessidades do capital e, depois, às necessidades humanas. E muitas das necessidades humanas a que ele atende tornaram-se “humanas” apenas porque foram produzidas como tais para servirem ao capital. Precisamos de uma “*Pedagogia da Terra*”, uma pedagogia apropriada para esse momento de *reconstrução paradigmática*, apropriada à *cultura da sustentabilidade* e da paz, da *justipaz*.

À globalização capitalista neoliberal no campo da educação deve-se responder um educar para uma outra globalização, educar para a humanidade, educar para uma sociedade sustentável, que supõe, como também lembra Gadotti (2007):

- 1) *Educar para pensar globalmente, vendo* era da informação, a velocidade com que o conhecimento é produzido e envelhece, não acumulando informações, mas sabendo pensar. Pensar a realidade. Vendo a necessidade de recolocarmos o tema do conhecimento, do saber aprender, do saber conhecer, das metodologias, da organização do trabalho na escola.
- 2) *Educar os sentimentos, lembrando* o ser humano como o único ser vivente que se pergunta sobre o sentido de sua vida e educando para sentir e ter sentido, para cuidar

e cuidar-se, para viver com sentido em cada instante da nossa vida. Lembrando que somos humanos porque sentimos e não apenas porque pensamos que somos parte de um todo em construção.

3) *Ensinar a identidade terrena* como condição humana essencial, tendo que nosso destino comum no planeta é compartilhar com todos, sua vida no planeta. Nossa identidade é ao mesmo tempo individual e cósmica. Outra resposta, educar para conquistar um vínculo amoroso com a Terra, não para explorá-la, mas para amá-la.

4) *Formar para a consciência planetária*, compreendendo que somos interdependentes. A Terra é uma só nação, e nós, os terráqueos, os seus cidadãos. Não precisaríamos de passaportes. Em nenhum lugar na Terra deveríamos nos considerar estrangeiros. Separar primeiro de terceiro mundo significa dividir o mundo para governá-lo a partir dos mais poderosos; essa é a divisão globalista entre globalizadores e globalizados, o contrário do processo de planetarização.

5) *Formar para a compreensão*, para a “ética do gênero humano” (Paulo Freire), não para a ética instrumental e utilitária do mercado. Educar para comunicar-se. Não comunicar para explorar, para tirar proveito do outro, mas para compreendê-lo melhor. A Pedagogia da Terra funda-se nesse novo paradigma ético e numa nova inteligência do mundo. Inteligente não é aquele que sabe resolver problemas (inteligência instrumental), mas aquele que tem um projeto de vida solidário. Porque a solidariedade não é hoje apenas um valor. É condição de sobrevivência de todos.

6) *Educar para a simplicidade*, para a *quietude* e a *ternura*, tendo que as vidas precisam ser guiadas por novos valores: simplicidade, austeridade, quietude, paz, saber escutar, saber viver juntos, compartilhar, descobrir e fazer juntos. Precisamos escolher entre um mundo mais responsável ante a cultura dominante, que é uma cultura de guerra, de competitividade sem solidariedade, e passar de uma responsabilidade diluída a uma ação concreta, praticando a sustentabilidade na vida diária, na família, no trabalho, na escola, na rua. A simplicidade não se confunde com a simplicidade, e a quietude não se confunde com a cultura do silêncio. A simplicidade tem que ser voluntária como a mudança de nossos hábitos de consumo, reduzindo nossas demandas. A quietude é uma virtude, conquistada com a paz interior e não pelo silêncio imposto. (GADOTTI, 2007, p. 23).

Segundo Gadotti, educar para uma outra globalização implicaria ainda mudar não só o conceito de educação, mas o próprio conceito de revolução. Estamos numa época de busca de novas práticas sociais e, também, de novas formas de pensar essa prática. O importante, talvez, não seja tanto ter hoje as idéias claras e precisas sobre a revolução, mas manter a esperança, a possibilidade de realizá-la permanentemente. Os “modelos alternativos” surgirão se mantida a esperança. Não adianta especular. A educação é uma forma de fazer política, e há muitas formas de fazer política: por meio de sindicatos, partidos, governos, participando de campanhas eleitorais, marchas, funerais, e mais. Pode-se fazer política hoje mediante organizações não-governamentais, fortalecendo a sociedade civil.

Ainda com Gadotti, lembra-se que: “Não basta ser “antiglobalista”; é preciso organizar-se para construir a alternativa.” Com esse pensamento, lembra-se do novo projeto que está nascendo em meio a esse movimento histórico, do qual o Fórum Social Mundial é o grande portador. Ele inaugurou, no início deste *novo milênio*, o caminho para “um novo mundo possível”, inaugurou uma nova etapa na batalha dos explorados contra o poder do capital transnacional. Nessa nova etapa abrem-se muitas e novas formas de fazer política e de

educar. Trata-se de educar para uma outra globalização (alterglobalização). Trata-se de mudar o mundo, de fazer a “revolução” “sem tomar o poder”. E, óbvio, a educação pode ter um papel importantíssimo nesse processo.

Quanto aos desafios da educação para o século XXI, registra-se que o conhecimento tem presença garantida em qualquer projeção que se faça. Por isso, há um consenso de que o desenvolvimento de um país está condicionado à qualidade da sua educação. Nesse contexto, o grande desafio da educação no século XXI é generalizar o conhecimento, torná-lo acessível a todos. A sociedade contemporânea está marcada pela *questão do conhecimento*. E não é por acaso. O conhecimento tornou-se peça-chave para entender a própria evolução das estruturas sociais, políticas e econômicas de hoje.

Em síntese podemos, junto com Gadotti e Morais, dizer que a globalização em si não é o problema, pois representa um processo de avanço sem precedentes na história da humanidade; o que é problemático é a globalização competitiva em que os interesses do mercado se sobrepõem aos interesses humanos. Portanto, é preciso incluir na educação a formação humanística, a grande responsável, como dito antes, pelo cidadão comprometido com o outro e empenhado em atuar socialmente. São as humanidades saberes fundadores de toda e qualquer transformação; elas são pressupostos a quaisquer outras ciências humanas, de tal modo que só tocados pelas ciências humanas é que é possível o movimento de verticalização mais justo e seguro, na busca de outros saberes e no infinito e contínuo processo de aprender.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **La filosofia del no**. Buenos Aires: Amorrotu. 1970.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D’água, 1993.

GADOTTI, M. **O Mercosul educacional e os desafios do século 21**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

MORAIS, M. M. **A sala de aula no contexto da educação do século 21**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2005.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PINEAU, G. (Org.). **De l’air**: essai sur l’écoformation. Paris: Païdéia, 1992.

SANTOS, M. O professor como intelectual na sociedade contemporânea. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE), 9, 1999, São Paulo [Anais...] São Paulo, 1999. (v. 3).

ROGÉRIO PAIVA CASTRO

Graduado em Letras e pós-graduado em Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri (URCA); professor de Literatura e Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Castelo Branco (UNB) – Rio de Janeiro, é pesquisador na área de educação com ênfase em Avaliação Educacional, sendo autor de projetos e artigos científicos sobre a temática. Ainda, é pós-graduando em Literatura Brasileira e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

E-mail: rpcastro1@hotmail.com

Artigo recebido em: 15/11/2007
Artigo para publicação em: 20/12/2007